



cecup
Centro de Estudos de Cultura Popular

2

Colêção Histórias Populares

cecup

Histórias Populares de
Jaraguá

Tereza Bicuda



itas

78

Histórias Populares de Jaraguá
Tereza Bicuda

Coleção "Histórias Populares" — n° 2

Histórias Populares de Jaraguá

Tereza Bicuda

ORGANIZAÇÃO E REDAÇÃO FINAL

Ione Maria de Oliveira Valadares

Nei Clara de Lima

PESQUISADORES DO CECUP

Clyce Louise Wiederhecker
Ione Maria de Oliveira Valadares
Luís Araújo Pereira
Maria Tereza Canesin
Nei Clara de Lima
Sidney Valadares Pimentel
Telma Camargo da Silva

Endereço:
Sala 54 A — ICHL - 1
Universidade Federal de Goiás — Campus II
74.000 — Goiânia — Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — PRONASEC/RURAL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
EDIÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS DA CULTURA POPULAR — CECUP

ORGANIZAÇÃO E REDAÇÃO FINAL:

Ione Maria de Oliveira Valadares
Nei Clara de Lima

COLETA DE INFORMAÇÕES:

Ione Maria de Oliveira Valadares
Margareth de Lourdes Oliveira Nunes
Maria Luiza Nogueira Costa
Maria Tereza Canesin
Maria Zaira Turchi
Mary Lukie da Cruz
Nei Clara de Lima
Telma Camargo da Silva

REVISÃO DOS ORIGINAIS:

Sidney Valadares Pimentel

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES E CAPA:

Laerte Araújo Pereira

Valadares, Ione Maria de Oliveira, org.
Histórias populares de Jaraguá: Tereza
Bicuda organizado por Ione Maria de Oliveira
Valadares e Nei Clara de Lima. Goiânia,
Centro de Estudos da Cultura Popular,
ICHL, UFG, 1983.
56 p. ilust. (Col. Histórias Populares, 2)

1. Literatura Oral - Jaraguá. 2. Literatura Oral -
Goias. I. Lima, Nei Clara de, org. II. Título.

CDU: 398.5 (817.3)

CDD: 398.2098173

© Copyright by
Centro de Estudos da Cultura Popular - CECUP

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
1983

Agradecimentos

Agradecemos a:

Cecília Pereira de Souza, 75 anos, Costureira;
Elisa Alves da Silva Brito, 84 anos, Do lar;
Florípiá Lopes Gonçalves, 42 anos, Funcionária pública;
Izaura Rios de Castro, 91 anos, Do lar;
Jeromina Rodrigues de Amorim, 71 anos, Fazendeira;
José da Conceição Macedo, 75 anos, Cambista;
José Leite de Andrade, 78 anos, Raizeiro;
Limiro Rodrigues do Prado, 75 anos, Lavrador;
Maria Raimunda de Brito Bastos, 85 anos, Do lar;

que, contando as histórias da sua região, possibilitaram a
elaboração deste livro.

“Tereza Bicuda morreu e eles enterraram ela. Mas ela não ficava debaixo da terra. Punham ela lá, aí ela saía para fora do túmulo, porque ela tinha muita coisa, muito pecado”;

José da Conceição Macedo

Sumário

Apresentação	11
Introdução	13
1. Ela virou uma enorme orelha de pau	15
2. Tereza Bicuda tinha lábios grossos	19
3. Agora o morro chama Maria Bicuda	23
4. Ela era espraguejada de pai e mãe	29
5. Ela era rica, mas muito esquisita	33
6. Ela era uma mulher muito rica, tinha até escravatura	37
7. Decerto ela tinha muito pecado	41
8. O lugar onde jogaram Tereza Bicuda ficou assombrado	45
9. Tereza Bicuda batia e xingava a mãe demais	49

Apresentação

No ato de viver, as pessoas criam suas festas, danças e rezas, que se relacionam com o seu trabalho e representam maneiras diferentes de enxergar o mundo. Elas mantêm vivas todas essas coisas, passando-as umas às outras, dos mais velhos aos mais novos. É a sabedoria popular.

Com o propósito de contribuir para a preservação desta sabedoria popular e da sua memória, o CECUP integrou-se à proposta do MEC, através de convênio firmado entre a UFG e a SEC-GO, de desenvolvimento de um projeto de pesquisa, denominado "Biblioteca da Vida Rural Brasileira".

O objetivo deste projeto é produzir livros de suplementação de leitura para as escolas da zona rural, no sentido de valorizar a cultura regional e popular.

Durante os anos de 1981, 1982 e início de 1983, pesquisadores do CECUP fizeram levantamento de alguns aspectos de certas manifestações culturais da cidade de Jaraguá, primeiro município escolhido para a realização deste trabalho, que continuará por outras cidades do ciclo do ouro em Goiás.

Do levantamento feito no município de Jaraguá resultaram duas coleções — Religiosidade Popular e Histórias Populares — que poderão ter continuidade na medida em que o projeto for desenvolvido em outras regiões.

1. O município de Jaraguá está a 142 Km de Goiânia, a centro-sul do Estado de Goiás, na microrregião 354 — Mato Grosso de Goiás — segundo classificação da Fundação IBGE (1968). Ele limita-se com os municípios goianos de Goianésia, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Santa Rosa de Goiás, Itaguaru, Uruana, Rianópolis, Rialma e Ceres. O acesso a Brasília, que está a uma distância de 235 Km, é feito através da BR-060 e BR-155.

Introdução

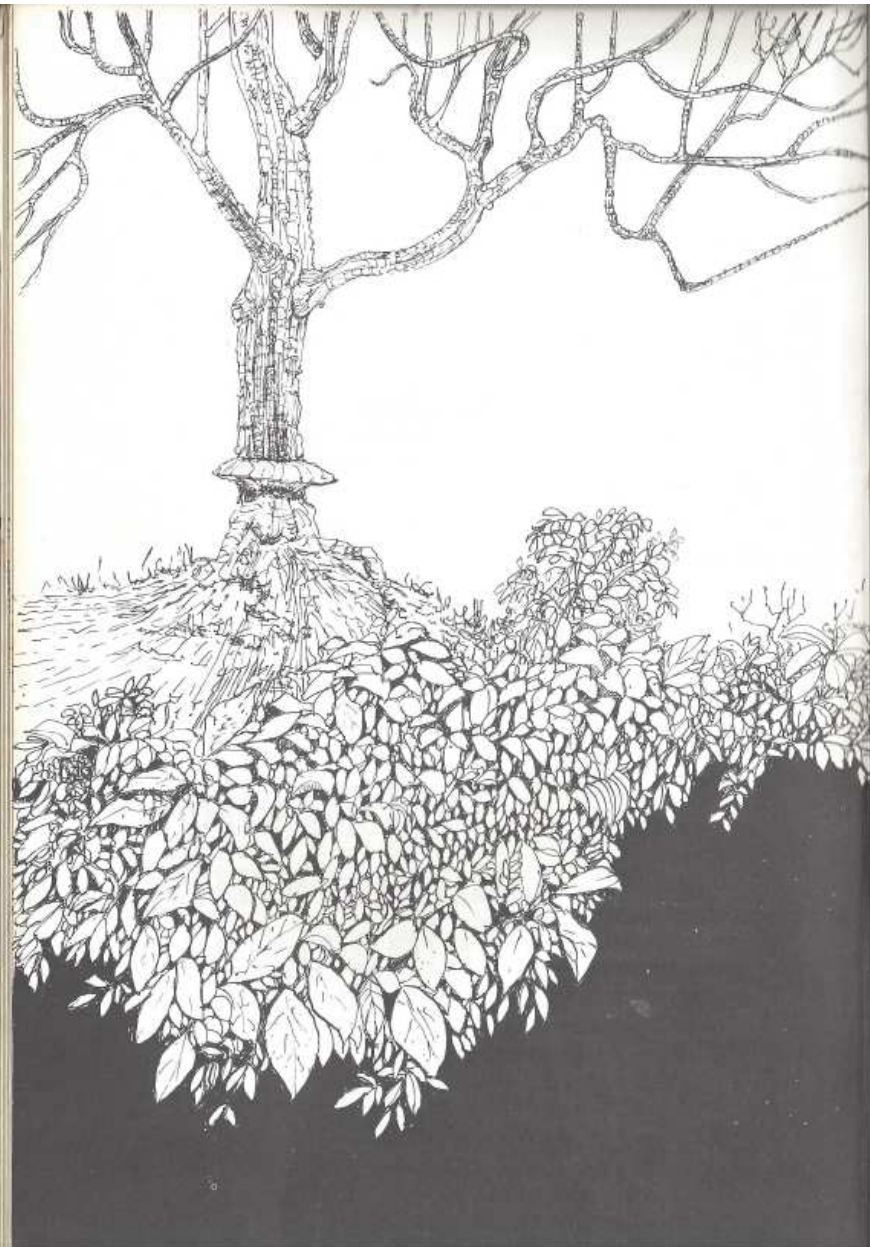
Entre os rios, serras, escravos e ouro que compuseram a história da cidade de Jaraguá, ficaram muitos acontecimentos ou casos de que as pessoas mais antigas da cidade ainda têm lembranças, sem saber se foram realmente verdadeiros.

Uma das histórias mais conhecidas pela maioria dos moradores é a da Tereza Bicuda. Essa personagem foi criada e recriada de diferentes maneiras e chegou até nós em diferentes versões. Como disse um contador de histórias: "... cada um conta de um jeito". Uns contam que Tereza Bicuda era uma mulher rica e orgulhosa. Outros, que era pobre e infeliz. Mas todos a viam como pessoa maldita e "espraguejada", que só encontrou sossego, após a morte, nas serras e rios que circundam a cidade.

Os contadores de casos vão recriando as versões, conforme seu trabalho, suas crenças e seu modo de vida. Assim, essas histórias, inventadas e contadas por inventadores e contadores, conhecidos ou não, permaneceram através dos tempos, transmitidas dos mais velhos aos mais novos, como parte da história da própria cidade.

Na tentativa de resguardar estas versões, os pesquisadores do CECUP — Centro de Estudos da Cultura Popular, conseguiram obter nove histórias. Todas as versões foram recolhidas de acordo com o entendimento de seus contadores, com a preocupação de conservar elementos da linguagem regional e evitar excesso de rigor gramatical.

Ela virou
uma enorme
orelha de pau



Dizem que Tereza Bicuda era muito rica e orgulhosa. Ela não gostava que ninguém vestisse igual a ela. Se comprava uma fazenda pra fazer uma roupa, comprava a peça inteira, pra que ninguém tivesse roupa igual. Era muito orgulhosa. Falam que ela era muito ruim, não fazia caridade.

Assim ela viveu sua vida. Nessa ruindade, sem fazer caridade, sem gostar de ninguém, orgulhosa demais.

Quando ela morreu, puseram ela na Igreja do Rosário, na sacristia. No outro dia, quando juntou gente pra fazer o enterro dela, ninguém teve o gosto de carregar o caixão. Dizem que ela deu um estouro e foi pra serra, serra de Jaraguá.

Contam que, chegando lá, nesse lugar chamado Canela de Ema, ela pregou num pau e virou uma enorme orelha de pau.

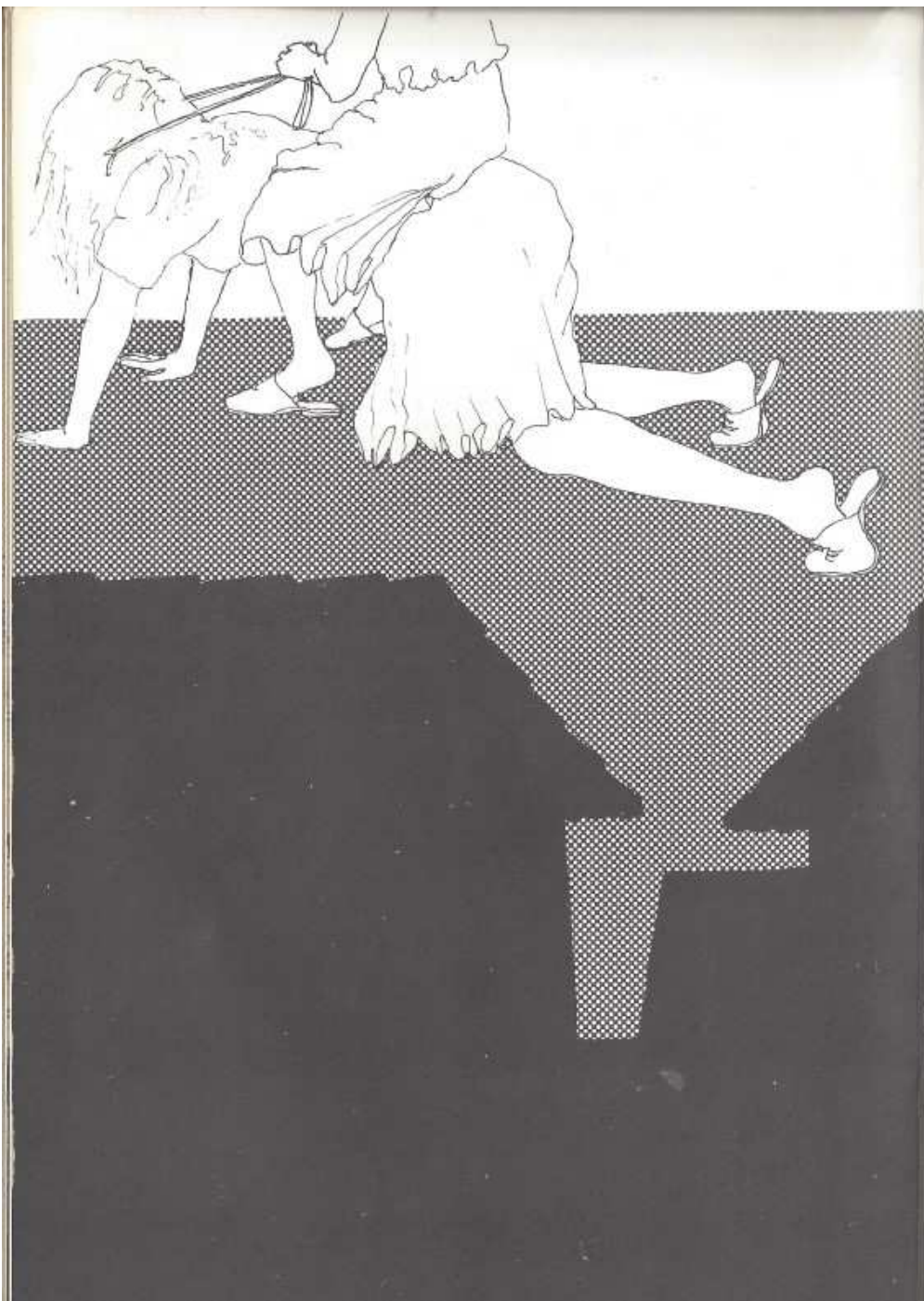
Ficou pregada numa madeira, como orelha de pau.

Lá nessa serra tem muito caju, muita fruta, mas ninguém tem gosto de ir lá não. A Tereza Bicuda não deixa ninguém ter gosto de ir lá não. Ela aparece e faz escaramuça pra todo mundo que vai lá.

Muita gente, aqui em Jaraguá, conta caso, história dela. Mas cada um conta de um jeito.

Cecília Pereira de Souza
28/02/1983

Tereza Bicuda
tinha lábios
grossos



2

Tereza Bicuda morava aqui, no Larginho Santana, com a mãe. Tereza tinha lábios grossos, aquele tipo assim bem grosseiro, e por isso era chamada de Tereza Bicuda.

Ela era assim uma moça muito rebelde, moça sem instrução também. E de vez em quando, ela batia na mãe. E punha a mãe pra pedir as coisas na rua e queria do bom e do melhor.

Um certo dia, ela deu demais na mãe. Andou a Rua das Flores todinha montada na mãe. Pôs freio de cavalo, bateu com o pé na mãe e andou montada nela. Nesse dia, a mãe de Tereza excomungou ela e morreu justamente por causa das pancadas que Tereza lhe deu.

Passado muito tempo, Tereza Bicuda ficou louca louca. Andava gritando pela rua e bebia demais. Havia enlouquecido.

Quando ela morreu, enterraram ela lá no cemitério. Ela continuou gritando, passando nas ruas de noite e gritando do mesmo jeito. Isso aconteceu há muitos anos...

Eles desenterraram a Tereza e enterraram novamente atrás da Igreja do Rosário. Ela continuou do mesmo jeitinho... gritando na Rua das Flores. Quando chegava aquela hora em que ela passou na Rua das Flores montada na mãe, todo mundo ouvia os gritos dela batendo na mãe e os gritos e os lamentos da mãe.

Depois eles desenterraram ela da Igreja do Rosário e enterraram lá na cabeceira desse córrego... que é o Córrego Tereza Bicuda. É por isso que o Córrego Tereza Bicuda tem esse nome. E lá tem caixa de marimbondo, mora marimbondo lá...

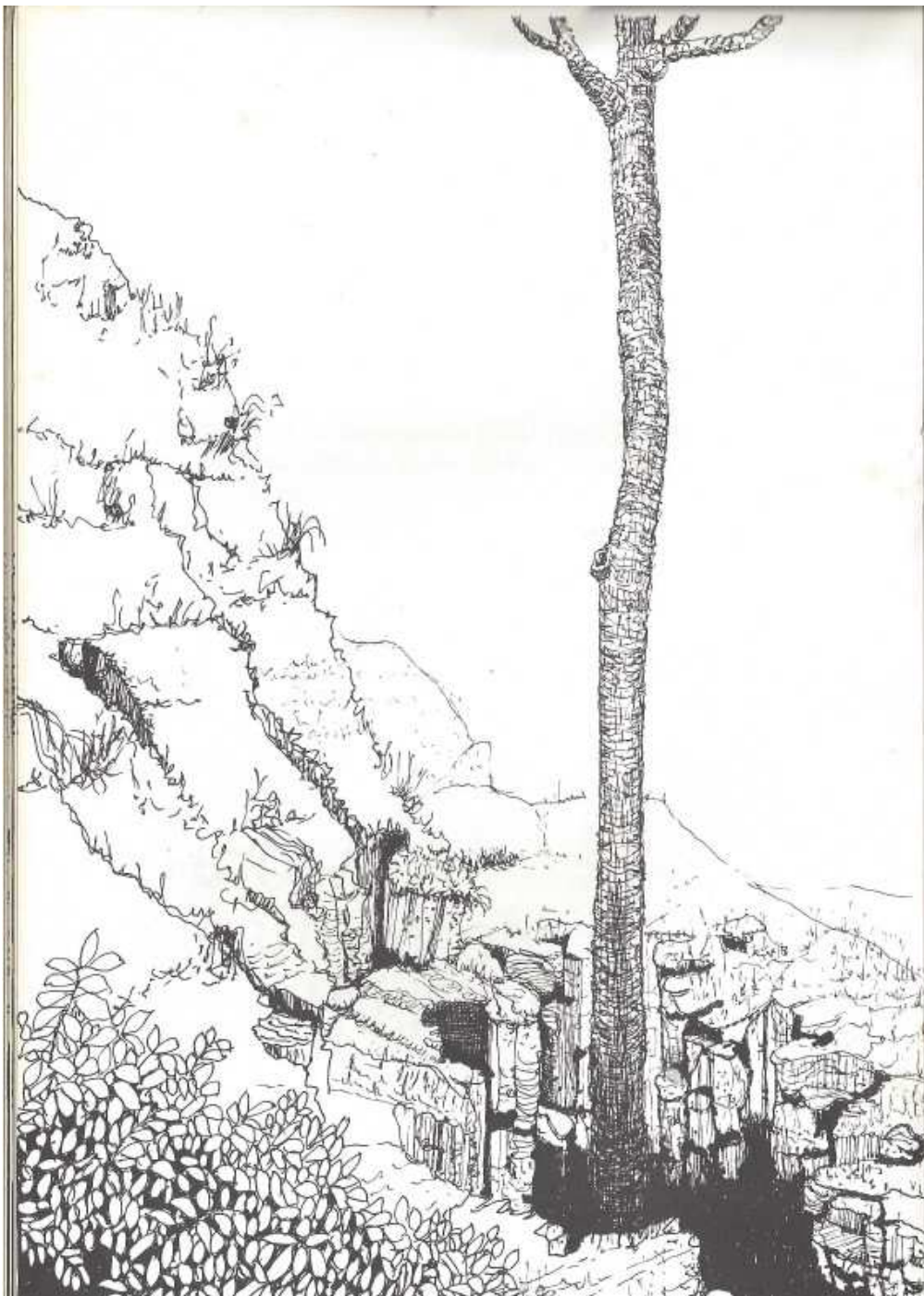
Tereza Bicuda ficou amaldiçoada mesmo.

Quando demorava chover, a gente ia fazer penitência... Eles fizeram uma cruz de cedro e puseram lá. Mas ninguém chega perto da cruz, ninguém. Tem casa de marimbondo lá no pé da cruz. Uma distância longe que a gente fica, os marimbondos vêm...

Depois que levaram ela lá pra cabeceira do Córrego Tereza Bicuda, nunca mais ela apareceu gritando na Rua das Flores.

Flóripia Lopes Gonçalves
10/12/1981

Agora o
morro chama
Maria Bicuda



3

Eu morava na roça, numa fazenda.

Um dia, eu saí no terreiro assim e falei pra meu marido:

— Oh, eu vou dar uma trepada... vou dar uma subida ali no morro. Vou panhar caju e mangaba.

Ele disse:

— É hora de almoço, não é hora de mulher sair pra ir panhar isso não.

Falei:

— Não, eu vou ligeiro e volto. Ainda venho fazer o almoço.

Ele estava rachando taquara pra arrumar o telhado da casa. Então, eu saí com uma menina de nome Jorgina. Disse pra ela:

— Vamos, menina, panhar caju e mangaba. Nós vamos lá na beirada da serra.

A serra era pertinho e nós duas fomos. E eu fui subindo. Tinha caju demais, muita mangaba. Eu não sabia qual dos dois eu pegava. Não sabia se panhava mangaba ou se panhava caju. Era demais. Panhava caju, panhava mangaba, panhava caju, panhava mangaba, até que foi enchendo um jacá. E nós estamos subindo, estamos subindo... O morro é alto e lá vai eu lá pra cima. Quanto mais eu via mangaba e caju, continuava a panhar e continuava a subir.

Quando subi lá em cima, que eu virei pra trás, eu falei:

— Nossa Senhora, agora nós não descemos mais. Espia a altura que nós estamos nela! Meu Divino, como é que eu vou descer? Jorgina, estamos perdidas!

Aí então eu gritei:

— Teobaldo, ô Teobaldo, vem descer nós daqui, que nós não podemos descer!

— Eu não mandei você subir. Não mandei você subir nesta distância. Agora desce, se quiser... Não mandei...

Aí, uma voz gritou lá embaixo num buracão:

— **Desce pra cá... Desce pra cá!**

Quando eu ouvi aquele grito falando assim “**desce pra cá**”, falei:

— Jorgina, nós estamos perdidas aqui. Vamos embora, que isso é a Maria Bicuda que está aqui enterrada. Nossa Senhora! Vamos descer!

E nós descemos ligeiro, correndo mesmo. Eu vim caindo, rolando pelo morro abaixo. Deixei o jacá de caju, deixei tudo lá. O caju derramou tudo no morro, com a mangaba e tudo. Minha chinela também ficou. Minha roupa rasgou tudo. Nossa Senhora! Nós fomos descendo até cá embaixo, menina, não tinha sangue mais! Não podia falar e nem nada.

Ceguei em casa, destampeei uma briga com o marido, que só vendo. Falei pra ele:

— Você é muito ruim, estava vendo que a gente estava gritando... Eu vim embora porque estava gritando lá embaixo **desce pra cá, desce pra cá**. Nós ficamos com medo.

Era um buracão tão fundo que nasceu um pé de jatobá e a sua copa estava lá em cima... lá em cima só suas folhinhas, e

ele lá embaixo. Um despenhadeiro que só vendo! E eu subindo lá no morro, lá na serra!

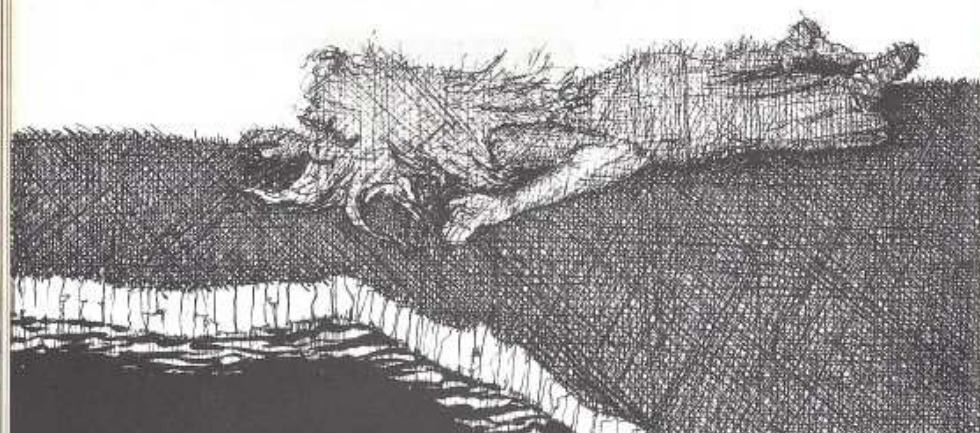
A Maria Bicuda é uma mulher que foi panhar caju lá em cima e morreu. Caiu dentro do córrego lá embaixo. Caiu dentro d'água e morreu. Agora o morro chama Maria Bicuda. Lá é assombrado, porque ela ficou lá, caída no despenhadeiro. Ficou lá, morta, e ninguém não foi buscar ela nem nada.

Lá ficou assombrado. Lá ela está gritando até hoje. Até hoje Maria Bicuda grita ainda, lá na serra. Até hoje ela ainda assombra os outros.

Elisa Alves da Silva Brito

05/01/1982

Ela era
espraguejada
de pai e mãe



Era uma vez u'a mulher que era doida e morava sozinha. O povo dizia que essa mulher era doida. Ela era espraguejada de pai e mãe. Ela tinha praga de pai e mãe. O povo, então, tinha medo dela.

Ela andava muito pelos lados dessas montanhas aqui de Jaraguá. Foi indo, até que ela morreu na cabeceira dum corregozinho que desce nesses morros. Morreu à míngua, sem assistência de ninguém. Naquele tempo antigo, que Jaraguá tinha pouca gente, não tinha assistência de médico nem nada.

Então essa mulher morreu à míngua, lá nessa cabeceira de córrego. E por isso, todo mundo passou a ter medo até de beber água desse córrego, onde essa mulher morreu. Ela tinha sido

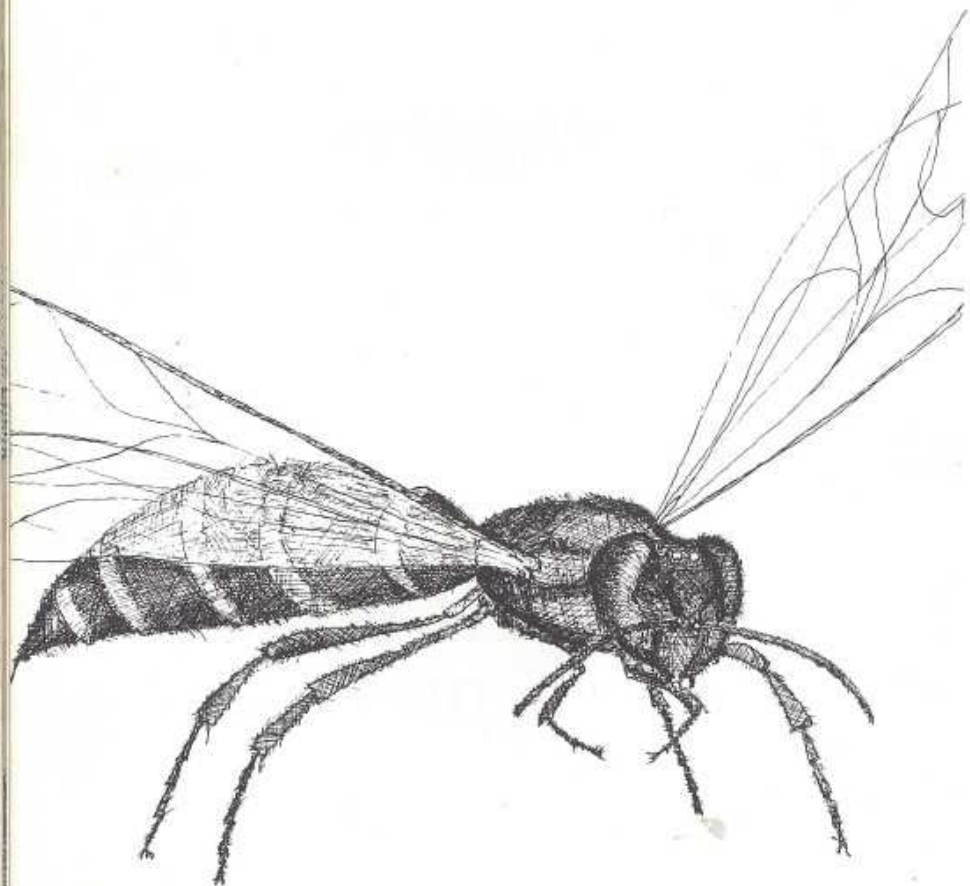
uma mulher infeliz, que morreu infeliz. Espraguejada de pai e mãe.

Todo mundo tinha medo de beber dessa água, porque era proibido por muita gente. Até os padres falaram que ninguém bebesse água desse correzinho, que a mulher infeliz morreu na cabeceira dele.

E esse córrego ficou com o nome de Córrego Tereza Bicuda.

Limiro Rodrigues do Prado
12/09/82

Ela era rica,
mas muito
esquisita



Tereza Bicuda morreu e eles enterraram ela. Mas ela não ficava debaixo da terra. Punham ela lá, aí ela saía pra fora do túmulo, porque ela tinha muita coisa, muito pecado.

Ela era muito rica, mas era uma mulher muito esquisita!

Ela tinha uma comadre que gostava muito dela e ela também gostava demais dessa amiga, muita amizade.

Um dia, Tereza passou na porta da casa dessa sua comadre e disse:

— Vamos, comadre, comprar uns trem lá na loja?

— Vamos.

Aí então, sua amiga, coitadinha, separou o dinheirinho dela e foi. Chegou lá, ela comprou e pagou e Tereza Bicuda comprou fiado. Só porque ela comprou e não pagou e sua amiga

comprou e pagou na hora, Tereza Bicuda enfezou, pôs um trem nela e matou ela.

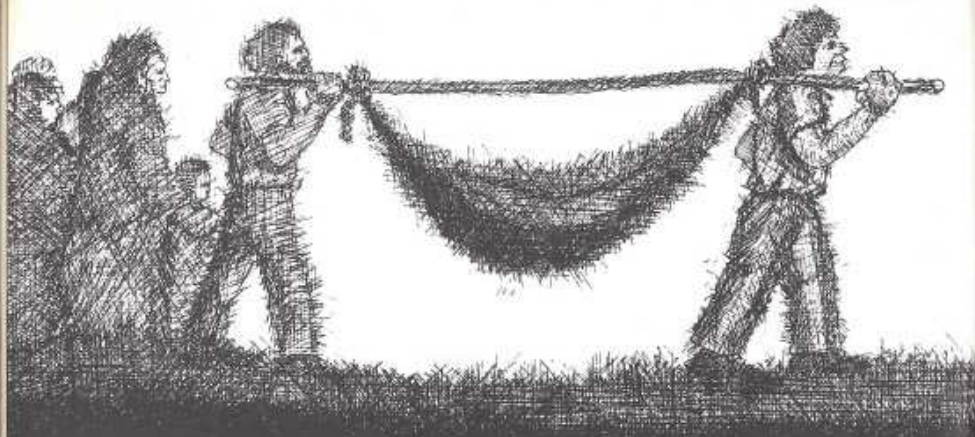
Quando Tereza Bicuda morreu, toda vez ela saía da terra. Ela não ficava enterrada. Aí foi enterraram ela lá nesse lugar e lá ela ficou. Na cabeceira do córrego... Chama Córrego Tereza Bicuda, ficou com esse nome.

Muita gente fala que tem muito marimbondo lá, onde enterraram ela. Quando a gente vai lá, diz que sai um mundo de marimbondo em riba da gente lá.

Esse caso já foi contado muitas vezes mais. Quando contaram pra mim eu era ainda pequeno... Ele era um caso triste. Pessoa fazendo ruindade. Era muita ruindade.

José da Conceição Macedo
20/01/1982

Ela era
uma mulher
muito rica, tinha
até escravatura



6

Então é assim como eu falei. Eu não conheci ela. As pessoas mais velhas é que falavam. Contavam que ela era uma mulher muito rica, tinha até escravatura.

Contavam que ela não morreu e eles sepultaram ela assim mesmo. Sepultaram no oitão da igreja. Naquela época, não havia cemitério, porque as pessoas eram sepultadas dentro da igreja. Também porque o povo tudo era católico. As pessoas que eram ricas eram enterradas dentro da igreja e quem era pobre, era enterrado do lado de fora.

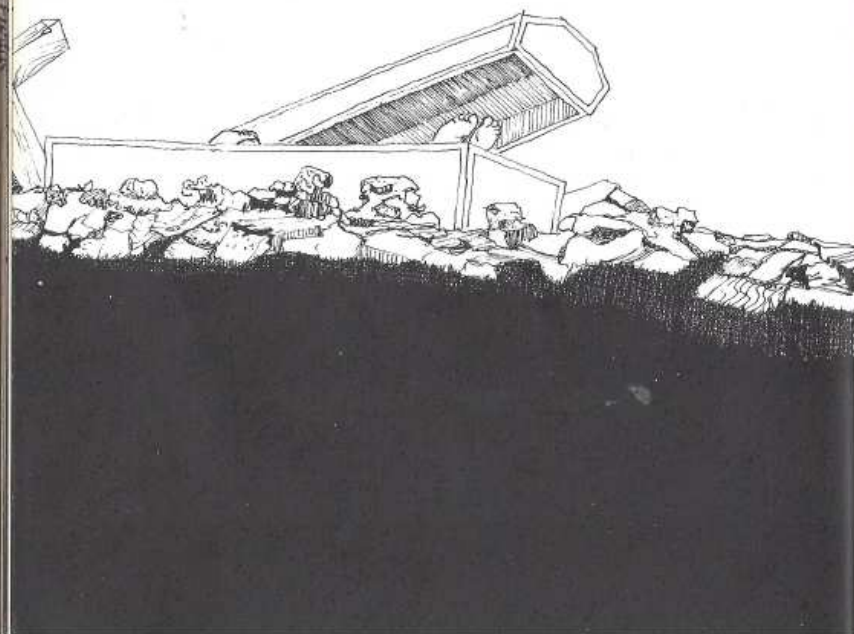
Essa mulher então, foi enterrada nessa Igreja do Rosário. Eu não sei se ela saiu da sepultura. Eu sei que eles encontraram ela e ela pediu que não queria ficar ali não. Pediu que queria ir lá pra serra.

Aí, então, eles pegaram ela, puseram numa rede, levaram pra serra. Chegando lá, furaram um buraco e puseram ela. Lá ela ficou quieta. As pessoas que guardaram ela já morreram tudo.

Agora, dizem que lá tem marimbondo, tem cobra, tem tanta abelha!... Já fui lá na cabeceira do córrego, do Córrego Te-reza Bicuda, andei por lá tudo e nunca vi nada disso.

José Leite de Andrade
27/02/1983

Decerto
ela tinha
muito pecado



Tem uma igreja ali, chama Rosário. Tinha uma mulher que chamava Tereza. Ela era mulher da vida, dizem que muito atoa, muito falada. Ela pediu que quando morresse, que enterrassem ela lá no morro, atrás da Igreja do Rosário.

Mas, quando ela morreu, enterraram ela no cemitério. Nesse lugar então, começou a dar muita ventania, que o povo não aguentava a ventania que dava. E sempre, depois da ventania, o caixão amanhecia da banda de fora do cemitério.

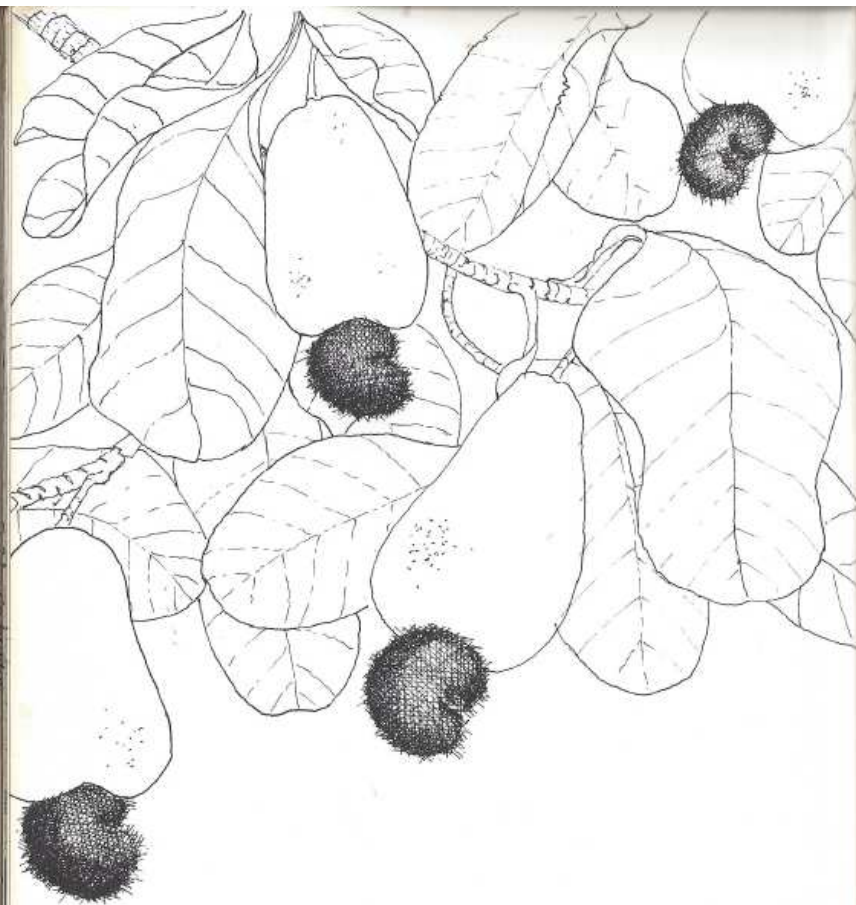
Novamente, eles enterravam ela e tornava a vir a ventania, uma coisa medonha! E ela amanhecia da banda de fora do cemitério. E novamente eles enterravam ela... Aí, um dia, eles viram que ela não parava enterrada mesmo e ninguém aguentava mais a ventania. Pegaram e fizeram um buraco lá em cima

do morro, atrás da Igreja do Rosário, enterraram ela e sossegou tudo. Agora, lá tem uma cruz que chama Cruz das Almas, bem lá em cima do morro.

Foi a Tereza Bicuda que pediu pra ser enterrada lá em cima do morro. E eles não enterraram. Enterraram ela cá no cemitério. Decerto ela tinha muito pecado... Ela não queria ficar no cemitério, decerto.

Isaura Rios de Castro
06/01/1982

O lugar
onde jogaram
Tereza Bicuda
ficou assombrado



Na Igreja do Rosário, antigamente, eles enterravam gente em redor da igreja. Então, quando tinha enterro lá, o coveiro escutava sempre um chamado vindo de uma das sepulturas. Ele ficava sempre escutando aquilo:

— Me tira daqui, João Renó! Eu não quero ficar aqui.

Então, João Renó ficava assim assombrado com aquilo:

— Uai, o quê que vem a ser isso agora?

E a voz ficava só pedindo:

— Me tira daqui, João Renó!

Passava o tempo aquela grita ali. Quando era pra noite, gritava:

— Me tira daqui, João Renó! Eu não quero ficar aqui.

Foi indo, o coveiro ficou impaciente com aquilo, enfiou a enxada naquela sepultura e tirou o cadáver. Era o cadáver da

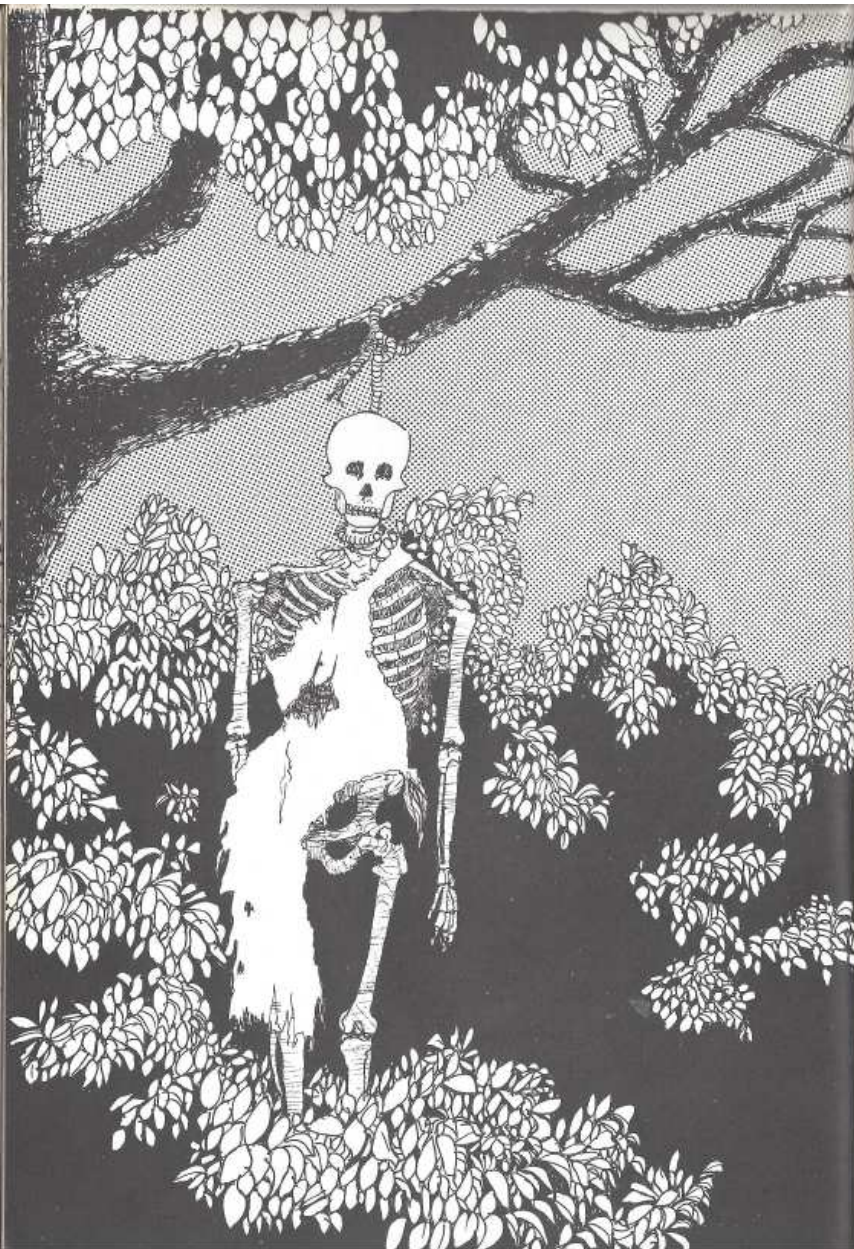
Tereza Bicuda. Então, ele tirou o corpo dela e jogou lá pra trás do morro. Depois disso, esse lugar que ele jogou a Tereza Bicuda, ficou assombrado.

Durante muitos anos, quando as pessoas iam lá, panhar caju, elas dizem que dava uma ventania e saía um tanto de marimbondo em cima delas, que não se aguentava panhar caju.

Esse lugar ficou intransitável, por causa dos marimbondos e da ventania. E, às vezes, até pedras eram jogadas em cima do pessoal.

Jeromina Rodrigues de Amorim
19/01/1982

Tereza Bicuda
batia e xingava
a mãe demais



Minha mãe contava que um dia ela foi panhar caju e mangaba. Quando ela encheu as vasilhas, que ela vinha descendo, viu um esqueleto pendurado num pequizeiro, amarrado pelo pescoço, balançando. Então ela quase teve uma vertigem de tanto medo, correu e veio embora. Quando ela chegou aqui, que ela contou o caso, eles contaram pra ela que aquele esqueleto era da Tereza Bicuda, da Ana Tereza Bicuda.

Tereza Bicuda era uma mulher muito ruim. Ela era muito ruim pra mãe dela, batia na mãe. Batia e xingava a mãe demais. Quando ela casou, o marido num quis ela, enjeitou. Ele não quis saber dela mais não, porque era dessa mulher ruim. Ela era tão ruim que nem a terra não quis ela.

Quando morreu, enterraram ela aí no cemitério e no outro dia ela amanheceu da banda de fora da sepultura. Tornaram a

enterrar, no outro dia ela amanheceu da banda de fora da sepultura. Tornaram a enterrar. No outro dia ela amanheceu da banda de fora da sepultura. Aí o padre foi lá com uma dúzia de varas de marmelo e bateu nela com essas varas tudo, até acabar com elas. Tornaram a enterrar ela, no outro dia, ela amanheceu da banda de fora da sepultura.

Aí Aí ele mandou pôr uma pedra de doze arrobas no pescoço dela e mandou jogar no Rio das Almas. Jogaram ela no Rio das Almas. No outro dia, ela amanheceu em cima da água, boiando. Aí levaram ela e amarraram lá no pequizeiro. Ficou lá no pequizeiro. Secou lá. Ficou a pele em cima do osso. Lá ela acabou o resto. Agora seu corpo não existe mais lá. Mas o lugar onde ele estava pendurado ficou assombrado. Todo o mundo que passa lá diz que o lugar tá assombrado.

Maria Raimunda de Brito Bastos
19/01/1982